

THAIS PINTO COUTO

ATRÁS DAS GRADES:

**O medo como elemento de cerceamento do espaço e das relações
sociais na cidade do Rio de Janeiro na cena contemporânea.**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Política e Planejamento Urbano do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção de título de Especialista.

Orientador: Prof. Dr. Robert Pechman

Rio de Janeiro
2012

THAIS PINTO COUTO

ATRÁS DAS GRADES:

**O medo como elemento de cerceamento do espaço e das relações
sociais na cidade do Rio de Janeiro na cena contemporânea.**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Política e Planejamento Urbano do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção de título de Especialista.

Orientador: Prof. Dr. Robert Pechman

Aprovado em:

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Professor Robert Pechman pela confiança que depositou em minhas ideias nebulosas.

Agradeço à minha mãe, esse presente que recebi de Deus, uma amiga que me ama incondicionalmente e que está sempre ao meu lado.

Ao meu amado marido por fazer florescer o melhor em mim.

Miudezas

Percorro todas as tardes um quarteirão de paredes
nuas.
Nuas e sujas de idade e ventos.
Vejo muitos rascunhos de pernas de grilos pregados
nas pedras.
As pedras, entretanto, são mais favoráveis a pernas
de moscas do que de grilos.
Pequenos caracóis deixaram suas casas pregadas
nestas pedras.
E as suas lesmas saíram por aí à procura de outras
paredes.
Asas emisgalhadinhas de borboletas tingem de azul
estas pedras.
Uma espécie de gosto por tais miudezas me paralisa.
Caminho todas as tardes por este quarteirão
desertos, é certo.
Mas nunca tenho certeza
Se estou percorrendo o quarteirão deserto
Ou algum deserto em mim.

Manoel de Barros

SUMÁRIO

RESUMO	6
ABSTRACT	7
INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 01 - A FALA DO CRIME	10
1.1 O MEDO URBANO	10
1.2 DISSECANDO O MEDO CARIOCA	14
1.2.1 LONGE DOS OLHOS, PERTO DO CORAÇÃO	14
1.2.2 DESPERTAR PARA UMA AMEAÇA	16
1.2.3 FASCÍNIO E MEDO: DILEMAS DA MODERNIDADE CARIOCA	17
CAPÍTULO 02 – TRAÇOS DA IDENTIDADE SOCIO-ESPACIAL CARIOCA	20
2.1 DA CASA-GRANDE AO SOBRADO URBANO	20
2.2 COPACABANA: A CIDADE É REINVENTADA	23
2.3 FEUDOS CARIOCAS	25
CAPÍTULO 03 – UM TANTO DE FELICIDADE POR UM TANTO DE SEGURANÇA	30
3.1 O MERCADO IMOBILIÁRIO	31
3.1 RIO DE JANEIRO: DE PROTAGONISTA À COADJUVANTE	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS	40

RESUMO

Este trabalho oferece respostas e proporciona novas perguntas sobre a questão do medo urbano na cidade do Rio de Janeiro. Ao longo deste estudo, procurar-se-á oferecer ao leitor elementos capazes de aclarar alguns traços da identidade sócio-espacial carioca, que se formaram e que se legitimaram ao longo de sua História, essenciais para a compreensão da configuração urbana atual, marcada pela presença de muros que cerceiam não somente os espaços, mas, sobretudo, as relações sociais. Dessa forma, o estudo pretende desnudar a suposta intolerância de uma sociedade incapaz de avaliar que, continuamente, aceita passivamente o consumo como solução para os problemas que lhe foram impostos. Finalmente, o intuito deste estudo é promover a reflexão acerca da exacerbação da demanda por segurança como forma de enfrentamento das tensões resultantes da heterogeneidade.

Palavras-chave: Medo, segurança, urbano.

ABSTRACT

This article offers answers as well as poses new questions about the feeling of fear in Rio de Janeiro urban areas. The main purpose of it is to bring some aspects of the carioca socio spatial identity to light, which are essential to a proper comprehension of the present urban configuration. Nowadays, Rio de Janeiro is plenty of walls, which not only restrict the public space, but also the social relations. Finally this work aims to question the exacerbation of the demand for security as a way to lessen the tensions that stem from the social heterogeneity in urban areas.

Keywords: Fear, security, urban.

INTRODUÇÃO

A motivação para a elaboração de um estudo passa pela experiência pessoal, pela inquietação, pelo incômodo ou admiração que determinado evento nos proporciona. Este trabalho não foge a esta tendência e se apresenta como resultado de um questionamento inocente sobre a cidade, seus muros e seus rumos.

Para um morador do subúrbio do Rio de Janeiro, a primeira visita ao bairro modernista da Barra da Tijuca pode causar um impacto colossal: a normalidade associada à convivência social da rua, à solidariedade e intimidade entre vizinhos e o espaço urbano é imediatamente posta em cheque quando da entrada no universo inimaginável do condomínio fechado. O espaço apresenta outras proporções, os edifícios se afastam e o paisagismo sempre impecável definem uma estrutura inebriante, capaz de contaminar o espectador desavisado, e de convencê-lo de que ali é de fato o paraíso. Longe da rua, o espaço público do condomínio simboliza a tranquilidade e a liberdade tão almejadas pela sociedade que a tudo teme. “Garanta seu lugar no paraíso. Barra Golden Green. Segurança total”¹.

Publicidade e mídia atuam paralelamente no processo de construção de uma nova demanda na sociedade: a segurança. Ao mesmo tempo em que jornais exploram a violência, *folders* imobiliários garantem a solução para o problema que se solidifica nas manchetes. Dessa forma, o “mercado da segurança” amplia a oferta de inovações para combater a ameaça crescente, auxiliado pelos profissionais da paranóia. Instaura-se um novo modo de morar e de viver a cidade que é marcado pelo medo coletivo do coletivo.

Ao longo desse breve estudo, avaliaremos a questão do esvaziamento do espaço público e da fortificação do espaço privado através da observação de que o padrão de ocupação fortificada se legitima em diversas esferas da sociedade. A prática do isolamento já não se restringe à classe alta, pelo contrário, se espalha pela cidade em empreendimentos que se promovem através do discurso da proteção contra a violência incontrolável da cidade.

A intenção é compreender a proliferação do medo na cidade e da cidade a partir das ações do mercado imobiliário. Para tal, o estudo contará com três

¹ O GLOBO, Rio de Janeiro, 20 de Março de 2004. Caderno de classificados (publicidade).

vertentes de análise, partindo de uma avaliação mais generalizada da questão conceitual do medo urbano até o enfoque trazido pelo discurso imobiliário e midiático atual.

Um primeiro capítulo apresentará a questão do medo urbano como base para posteriormente partirmos para o caso específico da cidade do Rio de Janeiro. O segundo capítulo abordará a formação de uma identidade sócio-espacial carioca, partindo do universo da casa-grande até a formação da cidade contemporânea, caracterizada, sobretudo, pela elevação de muros condominiais. Ao longo desta análise, tentaremos explicitar o papel da arquitetura e do urbanismo como formas de representação cruciais à compreensão dos valores e dos paradigmas da sociedade em cada tempo histórico. Em seguida, trataremos do contexto contemporâneo de concessão da liberdade em troca de uma pretensa ideia de segurança. Através desta análise, buscaremos os atores que promoveram a legitimação desse discurso do medo, além de apontar o movimento de crítica que se inicia através do questionamento das ações difusoras do medo e da neurose urbana.

CAPÍTULO 01 – A FALA DO CRIME

1.1. O MEDO URBANO

A fala do crime - ou seja, todos os tipos de conversas, comentários, narrativas, piadas, debates e brincadeiras que têm o crime e o medo como tema – é contagiante. Quando se conta um caso, muito provavelmente vários outros se seguem; e é raro um comentário ficar sem resposta.²

Nas últimas décadas, o tema da violência passou a integrar grande parte das discussões que envolvem o espaço urbano. Durante essas trocas, o imaginário coletivo se solidifica, tornando essa fala não somente expressiva, mas, sobretudo, produtora do discurso social da desconfiança e da ansiedade urbanas, comumente associando o avanço da pobreza ao aumento da violência. Através deste capítulo, procurar-se-á compreender a origem do discurso moderno do medo, que não se retraiu diante das fortalezas que foram construídas, tanto fisicamente quanto socialmente. As barreiras estão por todos os lados, mas a ameaça não cessa.

Sobre as raízes culturais do medo, temos o estudo de Vera Malaguti Batista, que aponta para diferentes áreas da investigação do controle social que contribuem para o esclarecimento do tema do medo urbano: são elas o medo social e o medo coletivo. O primeiro refere-se àquele que moldou a sociedade europeia moderna, alimentado por traumas ligados a experiências de guerras, epidemias e conflitos incessantes.

Analogamente, o medo coletivo parte dos eventos criminosos e de insurreições das classes marginalizadas. Interessante pensarmos na afetação que este temor coletivo causa ao imaginário da sociedade, de maneira que “se transfigura em sentimento, em afeto, em política econômica, em projetos de lei, em fragmentos discursivos, em cenários, em políticas sanitárias”³, ou seja, se infiltra nos valores e concepções da sociedade, naturalizando ações de controle social de toda sorte.

² CALDEIRA, 2000, p.27.

³ BATISTA, 2003, não paginado.

Além dos domínios apresentados, soma-se um terceiro estudado por Vera Malaguti Batista; a antropologia da contenção material e simbólica das classes baixas na cidade, através da criminalização da multidão urbana através da ação de uma força policial capaz de “inspirar confiança às elites e de infundir terror nos morros”.⁴

A fim de compreendermos um pouco melhor as bases que moldaram essa identidade social revestida de medo e desconfiança no outro, é imprescindível que nos voltemos à história. Segundo Robert Castel, a chave para a insegurança moderna, caracterizada pela eterna recusa em confiar nos demais pode ser atribuída ao individualismo moderno que, ao suprimir as relações solidamente construídas nas comunidades e corporações, obriga o homem a cuidar de si próprio e a promover as bases dessa proteção, gerando incertezas e consolidando a ideia do medo.

Ainda segundo este autor, esse sentimento de insegurança surge devido a dois fenômenos típicos da modernidade: de um lado, a supervalorização do indivíduo, ao libertá-lo do "peso" imposto pelas redes e laços sociais em demasia; por outro, a exacerbação dessa liberdade levou esse mesmo indivíduo a se sentir frágil e vulnerável. Reforçando a teoria de Castel, Bauman afirma:

Os medos modernos tiveram início com a redução do controle estatal (a chamada desregulamentação) e suas consequências individualistas, no momento em que o parentesco entre homem e homem [...] assim como os vínculos amigáveis estabelecidos dentro de uma comunidade ou de uma corporação, foi fragilizado ou até rompido. O modo como a modernidade sólida administrava o medo tendia a substituir os laços 'naturais' – irreparavelmente danificados – por outros laços, artificiais, que assumiam a forma de associações, sindicatos [...] A solidariedade sucedeu a irmandade como melhor defesa para um destino cada vez mais incerto.⁵

Essa realidade esteve presente nas primeiras décadas do século XX, conforme observado por Freud em sua publicação *O mal-estar na civilização* (1930).

⁴ Referência de Vera Malaguti Batista ao trecho do artigo do periódico Pão d'Assucar relatando o medo da insurreição escrava e apontando os meios de combatê-la “temos uma força armada suficiente, que pela sua disciplina, gente escolhida de que se compozer, nos inspire confiança, e aos escravos, infunda o terror”. Pão d'Assucar nº27 – Rio de Janeiro, 07 de Abril de 1835 in BATISTA, Vera Malaguti. Op. Cit., prefácio.

⁵ BAUMAN, 2009, p.19.

Neste estudo, Freud nos fala de uma mensagem ainda presente na consciência coletiva atual: você ganha alguma coisa, mas perde outra. Dessa forma, o autor caracteriza a busca moderna por beleza, limpeza e ordem cujo alcance não seria possível sem o pagamento de um preço alto: “O homem civilizado [moderno] trocou um tanto de felicidade por um tanto de segurança”⁶.

Essa civilização descrita por Freud é compreendida por Bauman como a *modernidade sólida*, enraizada no projeto racional moderno, um período marcado pelo desejo de controle, que aproximou o mundo através do desenvolvimento industrial e dos meios de transporte. “Porém, com o fim da crença no projeto moderno, e com um desenvolvimento ainda maior dos meios de transporte e comunicação, emerge uma nova modernidade, a modernidade líquida”⁷. Enquanto a modernidade sólida representava a ordem e o controle, a modernidade líquida trouxe o caos da fluidez.

Marcada pela ruptura com o passado e por mudanças fundamentais que representam um isolamento do homem dos referenciais conhecidos, a pós-modernidade é líquida, fluída, inconstante. Somente nas últimas décadas do século XX, inicia-se a configuração desse novo paradigma. Em substituição à irmandade e ao corporativismo da modernidade sólida temos a competição norteando as relações sociais enquanto corrói os laços comunitários.

Se antes “o aspecto mais assustador era o da inadequação”⁸, agora, o perigo se caracteriza pelo receio de “ficar para trás”. Colaborando para esse temor, temos o retorno da necessidade de definição das ‘classes perigosas’. Castel afirma que estas não são mais compostas por excedentes temporários de mão-de-obra, mas por indivíduos cuja reintegração à sociedade é inadmissível. Surge uma camada dispensável, uma “massa enxameada e sem rosto de marginais”⁹, que está excluída da sociedade e que sofre todo tipo de controle para mantê-la distante, evitando o encontro e, assim, o incômodo e o mal-estar.

É desse contexto que emerge um homem só, cercado apenas por medos e obsessões pelos perigos que advêm de todas as partes: do alimento, do meio ambiente, das doenças, das relações sociais e, principalmente, do crime e do outro.

⁶ FREUD, 2011, p.61.

⁷ MOCELLIN, 2007.

⁸ BAUMAN, 2009, p.6.

⁹ BATISTA, 2003, não paginado.

A sociedade se torna extremamente controlada: hábitos, desejos e fluxos devem estar de acordo com as normas da nova cartilha de condutas urbanas, como podemos observar no exemplo abaixo, retirado de uma revista imobiliária digital, que relata casos de assaltos a condomínios residenciais:

DICAS DE PREVENÇÃO: Evite deixar o controle remoto do portão da garagem no carro; Ele pode ser furtado e usado para a entrada dos assaltantes. Encomendas, como pizzas, presentes e mercadorias devem ser depositadas em “gaiolas”. O morador deve descer para pegar a encomenda. Ao entrar e sair do prédio, tanto porteiro quanto moradores devem verificar se há suspeitos nas proximidades. Listas com telefones de emergência devem estar em pontos estratégicos do condomínio. Ao contratar funcionários, é preciso o atestado de antecedentes criminais e referências de antigos empregos. Fitas de circuito de segurança não devem ficar na portaria, mas sim em um local isolado.¹⁰

A cidade é o palco para a reprodução desse conflito motivado pelo medo, visto que, esta congrega desconhecidos que precisam, de alguma forma e em algum momento, encarar o outro. Essa contínua fonte de encontros inesperados e indesejados tem levado a população a buscar meios de se afastar dos espaços públicos, cada vez mais compreendidos como sinônimo de caos.

Como nos mostram Gumpert e Drucker, “quanto mais nos separamos de nossas vizinhanças imediatas, mais confiança depositamos na vigilância do ambiente”¹¹, sendo assim, o espaço privado se edifica cada vez mais para gerar isolamento e proteção do mundo em um universo individual, ainda que esse processo represente a perda da liberdade. A reprodução incessante de fortalezas produz uma estética do medo que consolida a “produção imagética do terror” (NEDER, 1993) com a construção de alegorias por meio de imagens para difusão do medo e da insegurança.

Se o cerco contra o medo parece se fechar cada vez que se ergue um novo condomínio, uma via mais rápida, ou um shopping, porque o sentimento de segurança não se estabelece entre os indivíduos? Bauman nos apresenta uma conclusão bastante plausível quando afirma que:

¹⁰ Texto retirado do conteúdo digital acessado em 01/10/2011 no endereço <<http://www.zap.com.br/revista/imoveis/categoria/seguranca/>>.

¹¹ Gumpert e Drucker Apud BAUMAN, 2009, p.25.

A aguda e crônica experiência da insegurança é um efeito colateral da convicção de que, com as capacidades adequadas e esforços necessários, é possível obter uma segurança completa. Quando percebemos que não iremos alcançá-la, só conseguimos explicar o fracasso imaginando que ele se deve a um ato mau e premeditado, o que implica a existência de um delinqüente.¹²

Colaborando para este direcionamento da questão, temos a afirmação de Castel de que “a insegurança moderna não deriva da perda de segurança, mas da ‘nebulosidade de seu objetivo’”¹³. Sendo assim, fica um pouco mais claro que o medo e a insegurança do mundo moderno não encontrarão fim porque as formas de enfrentamento das questões sociais são determinadas por um mercado que promove a divulgação e a criação do imaginário da violência para dele se alimentar. O consumo rege as ações de enfrentamento dos conflitos sociais, alargando as distâncias e a desigualdade.

1.2. DISSECANDO O MEDO CARIOCA

O medo espraia os habitantes da cidade desde um beco escuro, aguardando o momento de atacá-lo. Ou seria o contrário? Procuramos o medo? Qual a razão para temer sempre?

1.2.1. LONGE DOS OLHOS PERTO DO CORAÇÃO

“Tem ocorrido o boato de que alguma coisa se tenta no Rio de Janeiro, de análoga ao que se sucedeu na Bahia. Cuidamos que o temor exagera as suspeitas; mas em objeto tão melindroso, não é perdida toda a vigilância”¹⁴. Qualquer semelhança com um artigo de jornal atual não será mera coincidência. A largada para a corrida do medo e do temor foi dada há muito tempo, e sua chama permanece acesa no imaginário carioca.

¹² BAUMAN, 2009, p.15.

¹³ Idem p.13.

¹⁴ Periódico Aurora Fluminense, Rio de Janeiro - 23 de Fevereiro de 1835.

O trecho acima se refere à Revolta dos Malês, uma insurreição de escravos africanos, neste caso, em sua maioria muçulmanos, contra a imposição religiosa por parte de seus senhores. Ainda que distante da então capital, Rio de Janeiro (a revolta ocorreu em Salvador), a repercussão do ocorrido foi notavelmente relatada e transmitida à população carioca, como observado nos trechos que seguem:

Isto bem meditado [a Revolta dos Malês] não deve assaz horrorizar para que não sejamos tão frouxos e descuidados como até agora tem sido.¹⁵

Já se alastrando para o interior do Rio de Janeiro, o medo se transformara numa epidemia. Chegou-se a temer que os africanos malês de Salvador tivessem algum plano articulado em outras províncias.¹⁶

Poucos anos depois, mais próximo da cidade do Rio de Janeiro, em Paty do Alferes, emerge uma revolta escrava, dentre muitas que ocorreram no referido período, a Revolta de Manuel Congo. Novamente, um grupo de escravos se insurge contra as condições do sistema escravista, desta vez, tendo como estopim o assassinato de um companheiro por um capataz da fazenda Freguesia, o qual não sofreu qualquer tipo de punição por seus atos.

A indignação mobilizou algumas centenas de escravos das três fazendas do senhor Manuel Francisco Xavier. Apesar do caráter pacífico da luta, que não apresentou violência contra brancos, tropas foram imediatamente montadas e direcionadas, proporcionando um desfecho rápido à desordem que se manifestava. Passados dezesseis anos da Revolta de Manoel Congo, em 1854, quatro fazendeiros da região de Vassouras fundaram uma Comissão Permanente, que visava a discussão para elaboração de políticas que afastassem o perigo de sublevações de escravos, visto que o escravo era visto como inimigo inconciliável. Além disso, esta comissão organizou uma série de posturas e procedimentos que auxiliariam na prevenção de revoltas e sublevações escravas.

A sequência e a frequência das revoltas escravas assustavam cada vez mais a população que cobrava ações imediatas e eficientes. O desespero tornava qualquer medida justificável. Segundo trecho do texto de Flávio dos Santos Gomes, fica claro

¹⁵ Periódico Pão d'Assucar, nº 27, Rio de Janeiro - 07 de Abril de 1835.

¹⁶ GOMES, 2006, p.217.

o início do processo de neutralização do caráter violento e autoritário das ações repressivas, a saber:

Como vimos para os anos de 1935 e 1936, o medo podia transforma-se em histeria coletiva. As ações repressivas tinham que ter justificativas. Para refrear o terror que se apossava de toda a população nesses momentos, era preciso mais do que castigar escravos em praças e estradas públicas. As autoridades esforçavam-se em mostrar que estavam atentas.¹⁷

Não se pretende, contudo, tomar essas experiências como simples explicações para o cenário de medo e apreensão diante da possibilidade do ato violento que se observa hoje no Rio de Janeiro, mas de alargar o horizonte através do qual a questão da violência carioca (ou de sua percepção) é analisada, a fim de buscar elementos extras para a compreensão da formação desta rede de relações.

O medo foi um elemento presente desde o momento da fundação da cidade do Rio de Janeiro. O primeiro núcleo urbano cresceu no alto do morro do Castelo por motivos de segurança diante do perigo das invasões. As fortificações construídas na entrada da baía de Guanabara são testemunhos do temor que assolou a população durante mais de dois séculos (...) Na sociedade escravagista, havia o medo do domínio de uma sublevação de negros contra a minoria branca e, entre os escravos, medo do domínio algoz de seus senhores.¹⁸

1.2.2. DESPERTAR PARA UMA AMEAÇA

No início do século XX, Euclides da Cunha relata sua experiência em Canudos, naquele que foi considerado o primeiro best-seller da história editorial brasileira, *Os Sertões*. Sua narrativa descrevia as condições de um grupo até então invisível aos olhos da sociedade. Entretanto, a miséria, a seca e o isolamento não foram capazes de conter seu desejo de lutar para serem vistos e ouvidos. Apesar do sucesso da repressão à revolta, Euclides deixa claro que “*Canudos não se rendeu*”.

¹⁷ GOMES, 2006, p.224.

¹⁸ SANTUCCI, 2008, p.15.

Não bastava erguer o símbolo de sua vitória - a cabeça de Conselheiro - porque algo permanecia vivo: “Fotografaram-no depois. E lavrou-se uma ata rigorosa firmando a sua identidade: importava que o país se convencesse bem de que estava, afinal, extinto aquele terribilíssimo antagonista”¹⁹. O esforço reforçava o temor do retorno. Esse temor foi rapidamente percebido pela elite carioca, que, ao penetrar no universo de Canudos, passara a tomar consciência do caráter inflamável da cidade: cortiços, favelas, morros insalubres e super povoados daquela gente desconhecida, virulenta, e agora, inflamável. Algo precisava ser feito. A ordem precisava ser garantida.

1.2.3. FASCÍNIO E MEDO: DILEMAS DA MODERNIDADE CARIOCA

No início do século XX, a cidade do Rio de Janeiro desabrochava para a modernidade. Após o intenso e conturbado período de intervenções do governo Rodrigues Alves, a cidade teve seu traçado remodelado: novas ruas surgiram enquanto outras foram alargadas, permitindo um ritmo mais dinâmico ao espaço urbano que se configurava, ainda que a população não fosse capaz de vislumbrar a razão para tamanha mudança. Além disso, uma nova estética se impunha à cidade e à sociedade; o estilo *Belle Époque* estampava a arquitetura e os trejeitos da elite que perambulava pelas ruas do centro. Ao mesmo tempo em que todo esse fascínio emoldurava a capital, ele coexistia com a miséria. A desigualdade revelava a verdadeira face da modernidade.

Na cidade moderna, a perda dos aparatos estéticos do convívio por parte da burguesia faz com que o outro seja reconhecido como tal. Essa necessidade leva à delimitação e à divisão em classes, que, ao afastar os diferentes, os torna intolerantes e propícios a ações autoritárias. A Revolta da Vacina, ocorrida em 1904, foi uma clara demonstração do direcionamento preconceituoso e arrogante das ações governamentais, apoiadas pela elite da época. Enfrentava-se uma grave epidemia de varíola, cuja única solução seria a vacinação em massa da população. Entretanto, há de se convir que, no início do século XX, o esclarecimento acerca das questões de medicina social eram infinitamente menor e menos difundido e, dessa forma, um processo de imunização involuntário alimentaria a imaginação de uma

¹⁹ CUNHA, 1984.

população pobre e marginalizada, freqüentemente, apontada como foco de todos os males da cidade. O medo da polícia, que promove a ordem a qualquer custo emerge para os pobres ao mesmo tempo em que estes se insurgem, causando temor à sociedade. Os inimigos se definem e a cidade se divide entre ordem e caos. Porém, os papéis não se sobrepõem e o bem e o mal seriam regidos pelas relações de poder.

Surge então, no vocabulário carioca, uma série de artifícios de linguagem para caracterizar o outro marginalizado. Dentre vários, o termo mais adotado pelo discurso dominante foi – e ainda é - o das *classes perigosas*. Segundo o historiador Sidney Chalboud²⁰, ainda que sua origem remonte aos criminosos da Inglaterra do século XIX, este termo foi adaptado e empregado como sinônimo de “classes pobres”, tornado o crime intrinsecamente relacionado à pobreza. De acordo com Sandra Jatahy Pesavento :

No momento do final do século, a visibilidade dos indesejados se impõe. Pela sua presença crescente, pela sua expressão quantitativa e pela ameaça de, qualitativamente, destruírem ou ameaçarem o padrão civilizacional desejado, eles se tornam perigosos. Passam a ser nomeados como alvo de uma batalha sem tréguas, pois são o inimigo comum na trincheira (...) As teorias científicas do final do século vêm corroborar para a construção destas imagens: rejeitados, rebeldes, degenerados, vagabundos, perigosos, ele são uma incômoda presença.²¹

A imprensa escrita, principal formadora de opiniões naquele momento, reforçava as relações de desconfiança em relação às classes pobres, incitando o medo na sociedade através de artigos inflamados que descreviam o universo favelado, incentivando a formação de estereótipos desconcertantes dos habitantes de uma “outra cidade”, desconhecida e, exatamente por isso, aterrorizante:

Favella trecho inédito do Rio – A morada dos gatunos e desordeiros:

²⁰ CHALBOUD, 2005, p.7.

²¹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Uma outra cidade. O mundo dos excluídos do final do século XIX*. São Paulo: Cia Editorial Nacional, 2001, (p.13) Apud SANTUCCI, Jane, 2008, (p.160).

- Se tens coragem, vai lá em cima. Eu fico. Muito cuidadinho com a pele. Adeus! (...) Neste morro da Providência moram os mais terríveis malandros do mundo, com mulheres tremendas e assassinatos semanais.²²

Através deste breve resgate histórico, pretende-se esclarecer que, ao contrário do que se ouve todos os dias, o medo não se intensifica diante do aumento da ameaça, mas, sobretudo, através da criação e legitimação de um universo de sobressalto constante. As distâncias sociais e econômicas, características da modernidade, projetam o medo através de fatos ou de ameaças pertencentes muitas vezes ao imaginário, mas que se multiplicam e se perpetuam no discurso, até que se legitimam. O outro se torna perigoso e digno de desconfiança. Sob esta ótica, não haveria culpa em tentar se armar contra qualquer possibilidade de ameaça, afinal, o perigo está por todos os lados, a prevenção é a solução.

Sendo assim, o cenário atual de isolamento e pânico passa a ser compreendido como parte de um processo marcado por episódios de desordem e violência (e pelas suas ações de enfrentamento) que contribuiram, ao longo da história, para a formação da identidade da sociedade contemporânea.

²² Jornal Gazeta de Notícias, 1903 apud SANTUCCI.

CAPÍTULO 02 – TRAÇOS DA IDENTIDADE SOCIO-ESPACIAL CARIOCA

Nos últimos anos, observamos o crescente número de referências às cidades *divididas, muradas, duais ou em pedaços*. As expressões que revelam a fragmentação sócio-espacial nos levam ao questionamento quanto à novidade deste fenômeno no espaço urbano brasileiro. É sob este enfoque que versará este capítulo, na tentativa de compreendermos se seria possível, através da avaliação de configurações passadas, estabelecer um traçado que norteie as relações sócio-espaciais cariocas.

2.1. DA CASA-GRANDE AO SOBRADO URBANO

A Casa Grande, ícone da arquitetura colonial brasileira, é ponto de partida para nosso estudo. Mais do que uma propriedade, esta estrutura superava suas funções de morar e produzir ao representar também uma organização social territorializada em um espaço privado marcado pelas relações de *privatismo* e *domesticidade*.

A distância social entre seus moradores era notoriamente reforçada tanto pela organização espacial quanto pelo comportamento. Além disso, a arquitetura fortalecia a consolidação da casa como espaço de controle e isolamento de sua elite, reafirmando as relações de dominação entre os indivíduos que habitavam os *enclaves coloniais*, que só eram deixados durante as viagens para os ainda modestos núcleos urbanos em busca de abastecimento, sobretudo cultural, das elites coloniais.

Com a transferência do vice-reinado de Salvador para o Rio de Janeiro, nesta cidade passa a se construir uma centralidade a partir da capitalidade que lhe fora nomeada. Com isso, o desenvolvimento de uma elite urbana demanda o crescimento da oferta de residências, que deveriam atender aos *habitus vivendi* da elite colonial. Dessa forma, observa-se a construção dos sobrados, cujas características remetem à estrutura da casa-grande: a reclusão da família em espaço privado, o desejo de se isolar dos diferentes níveis sociais em virtude dos perigos e do desagrado que sua convivência representava. O desprazer em conviver

com o espaço da mistura - a rua - fazia com que as casas se voltassem para o interior dos lotes, encerrando suas funções num limite impenetrável ao desconhecido indesejável. Como reafirmação desta visão insularizante, o status era conferido ao se afastar do *rés-do-chão*, aumentando o número de pavimentos e destinando aqueles mais próximos da calçada aos usos menosprezados, como armazenagem e acomodação de escravos.

Com a vinda da Família Real para o Brasil, que teve como novo endereço a capital Rio de Janeiro, estas relações de negação do espaço público se intensificaram com a construção de um cenário cortesão. Isto porque para o desenvolvimento de um conjunto de ações e atitudes de uma sociedade de corte, a rua - local de escravos e mercadorias - era menosprezada por representar o atraso colonial, sendo preterida em relação às novas edificações que permitiam o compartilhamento cultural entre iguais, os teatros, as bibliotecas, etc.

Com a proclamação da República e ascensão de uma nova classe, a burguesia, o cenário urbano passa a sentir a emergência de novos valores, mas ainda incapazes de afastar o fantasma do desconforto com a diversidade. Ainda que a rua tenha tido seu papel renovado, onde estranhamento e interação se manifestavam ao mesmo tempo, os distanciamentos sociais adquiriram nova forma. Essas atualizações do comportamento frente ao outro, no espaço público urbano, demandavam nova percepção da ideia de urbanidade. Daí proliferar na capital uma espécie de "literatura" – os manuais de convivência e de boas maneiras -, que juntamente com a imprensa e com o romance urbano, constituíram tentativas de disseminar as regras da urbanidade que dessem suporte ético e moral às novas formas de convivialidade na cidade.

Neste início do século XX, a cidade foi o tema de diversas produções literárias que retratavam a dificuldade de adaptação ao modo de vida urbano, a tentativa constante de incorporar o modos civilizados necessários ao convívio em uma capital que se europeizava. A peça "A Capital Federal" de Arthur Azevedo relata a estória de uma família que vem ao Rio de Janeiro em busca do noivo desaparecido de sua filha. Ao chegar na capital, símbolo de sofisticação e perigo, cada membro da família se perde, moral e geograficamente, nas tentações que a vida urbana poderia oferecer. A personagem da empregada doméstica, que acompanha a família na aventura urbana e que envereda pela prostituição almejando o status dos *habitués*

da rua do Ouvidor, retrata a sociedade cuja promessa de encurtamento das diferenças sociais através do consumo não se concretiza de fato. Um trecho do diálogo entre essa personagem e seu “lançador” mostra a tentativa de ensinar a moça a abandonar seus costumes roceiros para, então, tornar-se aceitável para a cidade:

Figueiredo: Depois, tu abusas do *face-en-main*!

Benvinda: Do... do quê?

Figueiredo: Disto, da luneta! Em francês chama-se *face-en-main*. Não é preciso estar a todo o instante...Basta que te sirvas disso lá uma vez por outra, e assim, olha, assim, com certo ar desobranceria. E não sorrias a todo instante, como uma bailarina... A mulher que sorri sem cessar é como o pescador quando atira a rede: os homens vêm aos cardumes, como ainda agora! - E esse andar? Por que gingas tanto? Por que te remexas assim?

(...)Figueiredo: É preciso também corrigir o teu modo de falar, mas a seu tempo trataremos desse ponto, que é essencial. Por enquanto o melhor que tens a fazer é abrir a boca o menor número de vezes possível, para não dizeres *home* em vez de homem e quejandas parvoíces... Não há elegância sem boa prosódia - Aonde ias tu?

Benvinda: Lá na Rua do Ouvidô.

Figueiredo: Ouvidorr... Ouvidorr... Não faças economia nos erres, porque apesar da carestia geral, eles não aumentarão de preço. E sibila bem os esses - Assim... Bom. Vai e até logo! Mas vê lá: nada de olhadelas, nada de respostas! Vai!

Benvinda: Inté logo.

Figueiredo: Que inté logo! Até logo é que é! Olha, em vez de *inté* logo, dize: *Au revoir!* Tem muita graça de vez em quando uma palavra ou uma expressão francesa.

Benvinda: Ô revoá!

Figueiredo: Antes isso! Não te mexa tanto, rapariga.²³

O universo de delimitação e enquadramento dos comportamentos urbanos que emanava desses “códigos” de conduta garantia a reprodução da lógica de distanciamento e de segregação na cidade.

O momento de transição entre os séculos XIX e XX foi marcado por diversas mudanças de ordem econômica, política, social e cultural que levaram a

²³ AZEVEDO, Arthur. *A Capital Federal*. Ato II Quadro V Cena II.

transformações estruturais, que elevaram a capital a “uma cidade industrial com aspectos de moderna metrópole capitalista”²⁴. Aliado a esse processo, havia o movimento da reforma urbana empreendido pelo governo Pereira Passos, que contribuiu para o surgimento da indústria da construção civil, que se fortaleceu a partir da necessidade da construção de novos edifícios comerciais na parte central e de residências nos novos bairros que surgiam na cidade, impulsionados pela implantação de sistemas de transporte coletivo e de novos acessos. Inicia-se assim, a ocupação dos subúrbios e dos bairros banhados pelo mar, obviamente, por classes distintas.

2.2. COPACABANA: A CIDADE É REINVENTADA

Até a abertura do Túnel da Real Grandeza, em 1982, Copacabana era um bairro ocupado basicamente por pescadores. Somente após a inauguração do Túnel do Leme (atual Túnel Novo) e da abertura da Avenida Atlântica, ambos no ano de 1906, o bairro passou a tornar-se uma opção viável de residência para as elites cariocas.

Inicialmente, o padrão de construção previa luxuosos palacetes que davam suas costas para o mar. Apesar de impensável na realidade carioca atual, a orientação das casas naquele momento refletia o papel do banho de mar na sociedade: visto como uma recomendação sanitária, este era prescrito apenas em horário determinados. Mais uma vez, o papel de Pereira Passos foi determinante: seu desejo de aproximar o Rio de Janeiro da realidade europeia, fez com que a praia adquirisse um status diferenciado, passando então a local de lazer e sociabilidade. Um novo cenário se consolidava para o deslocamento de uma elite fugia do centro da cidade em busca de um novo eldorado.

O conceito / símbolo ‘zona sul’, no entanto, embora tenha como eixo os bairros banhados pelo mar, não surgiu quando da ocupação dos primeiros bairros praieros ao sul da cidade, como Glória, Flamengo e Botafogo, que se formaram desde meados do século XIX. Só surgiria com o povoamento

²⁴ VAZ, 1994, p.582.

do bairro de Copacabana, que se deu a partir de princípios do século XX”.

25

A leitura do trecho acima leva ao questionamento sobre o que havia de especial em Copacabana que possibilitaria tamanho sucesso ao bairro. A formação dessa alma encantadora e contagiante de Copacabana passa, primeiramente, pelo poder de articulação do então crescente mercado imobiliário, que soube exatamente como explorar a criação da demanda por uma renovação no modo de morar, de maneira a torná-la sinônimo da modernidade e sofisticação que a capital buscava como identidade.

Os modelos que norteavam as produções anteriores se esgotaram (...) As técnicas e o saber construir, a organização dos espaços, as formas de produção e consumo teriam de se pautar por novos parâmetros, novos modelos. Finalmente, o espaço urbano, o cenário onde poderiam irromper estas novas forma, também seria outro. Nem nos bairros tradicionais nem operários; os arranha-céus surgiram nos trechos modernos da orgulhosa capital federal: num dos extremos da Avenida Central e no salubre arrabalde de Copacabana²⁶.

Toda proposta para o novo bairro remetia ao poder, ao bom gosto que a modernidade poderia proporcionar à elite que encontrara na escolha do modo e do local para viver, mais uma forma de estabelecer as distâncias sociais e reafirmar sua distinção. A publicidade imobiliária da época reforçava o caráter elitizado do lugar, demonstrando o novo imaginário de modernidade que revestia a proposta de ocupação da zona sul carioca. A imprensa carioca se mostrava atenta à renovação que o mercado imobiliário tentava impor à cidade, conforme trecho do Correio da Manhã, de 1937: *“o vultuoso capital empregado nestas construções saberá defender-se com todos os recursos estratégicos, inclusive aquele de afazer acreditar que esse gênero de moradia imprime elegância e distinção”*.²⁷

Inovadora, descolada, boêmia e sofisticada, Copacabana inaugurava um novo estilo de vida, um novo modo de morar e usufruir a cidade, a qual, cada vez mais,

²⁵ CARDOSO, 2010, p.82.

²⁶ VAZ, 1994, p.586.

²⁷ Correio da Manhã, 20/01/1937. In CARDOSO, Elizabeth. *Estrutura Urbana e Representações: a invenção da Zona Sul e a construção de um novo processo de segregação espacial no Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX*. IN GEO Textos, Vol.6,nº1, Julho de 2010 (p.85).

comparava seus hábitos àqueles das elites de países europeus, contribuindo para a difusão de uma imagem cosmopolita do bairro. Ao mesmo tempo em que se desenvolviam novas formas de moradia, reforçavam-se os elementos de promoção da exclusão social e de fragmentação do espaço urbano.

2.3. FEUDOS CARIOCAS

Não sabia se era o lugar que transmitia o abandono às pessoas ou se eram elas que transmitiam o abandono ao lugar

28

Assim como ocorreu em Copacabana, a partir da década de 1970, a Barra da Tijuca foi um vetor de expansão do mercado imobiliário da cidade do Rio de Janeiro. Separadas por um intervalo de algumas décadas, os processos de valorização e promoção desses bairros apresentam vários pontos em comum.

Com a saturação espacial da zona sul carioca, a Barra da Tijuca recebeu investimento maciço em infra-estrutura a fim de possibilitar sua ocupação. Além das ações concretas que precisariam ser realizadas, houve grande preocupação na elaboração do campo simbólico que revestiria essa extensão da zona sul da cidade. Era preciso garantir que essa ocupação traria algo além da continuidade da orla. Uma “nova forma de viver” foi, mais uma vez, a proposta apresentada pelos investidores imobiliários. A fim de fustigar esse campo conceitual, encomenda-se um plano urbanístico, elaborado por Lúcio Costa, que pretendia promover uma ocupação mais ordenada, regular e não predatória desse novo território, de forma a “impedir que barreiras de cimento armado [fossem] construídas de frente para o mar, como aconteceu em Copacabana”. Dessa forma, a Barra da Tijuca já nascia com a pretensão de ser a superação dos *erros* cometidos na massificada zona sul de então.

A mente imaginosa dos capitais imobiliários, estimulada pelo desejo de apropriar-se de rendas fundiárias futuras, lança mão da utopia romântica da vida comunitária, do habitat funcional e instaura a idéia dos ‘condomínios fechados’, dos ‘gardens’ tropicais, de uma nova maneira de

²⁸ BARROS, 2006.

viver: segurança e natureza, prazer e bem-estar. Os condomínios fechados, sejam horizontais ou verticais, de apartamentos ou casas, ou mesmo combinando-os, se transformaram no produto imobiliário capaz de depreciar o estoque residencial da Zona Sul, pois definiam o que seria a nova forma de consumo do espaço da moradia ²⁹.

Dessa forma, com uma estratégia bem traçada, os capitais imobiliários conseguiram depreciar estoques pretéritos ao mesmo tempo em que geraram um demanda por um novo produto imobiliário. Esse novo produto tornava necessária a existência de grandes lotes que permitissem a consolidação dos espaços completos que os condomínios propunham. Nesse aspecto, as características de ocupação previstas pelo plano modernista, as superquadras, facilitaram o processo. Além disso, por ser uma área inexplorada, a Barra da Tijuca oferecia um grande estoque fundiário.

Entretanto, esses aspectos não contemplavam todas as oportunidades de lucro visadas pelos capitais imobiliário, que lançaram mão de uma série de modificações no plano original de Lúcio Costa. As alterações em índices como gabarito, parcelamento e uso do solo foram tão impactantes que seu autor percebeu a descaracterização da essência do projeto, decidindo assim, afastar-se dos rumos que a Barra da Tijuca traçaria no futuro. Tomado pela mágoa e decepção diante da deturpação de sua criação, Lúcio Costa declarou, em entrevista ao Diário Municipal da Câmara dos Vereadores, em 1984, que iria “se afastar dos destinos da ocupação da Barra da Tijuca”.

O movimento orquestrado pelo mercado imobiliário pode ser compreendido em três períodos, cada um caracterizado por uma diferente estratégia, norteadas por ações de venda de novos conceitos de morar.

Ainda na década de 1970, a ocupação teve início nos condomínios fechados que faziam referência aos bairros da zona Sul, ‘Novo Leblon’ e ‘Nova Ipanema’, imersos no conceito de um morar associado a facilidades de lazer e serviços dentro do limite privado do condomínio. Estes foram ocupados, sobretudo como imóveis de veraneio, visto que a incipiente infraestrutura local não propiciava a ocupação para moradia permanente. Este tipo de ocupação só passou a ocorrer ao longo dos anos 80, com a melhoria das condições de habitabilidade e acessibilidade, conferindo

²⁹ ABRAMO, 1998, p.264.

outro status e novas demandas ao bairro. Essa fase é de grande relevância para o processo de consolidação do bairro pelo crescimento da oferta de comércio, serviço e lazer fora das dependências do condomínio. Completando o quadro de “eldorado imobiliário”, o bairro passou a diversificar a escala de suas edificações, apresentando também a construção de imóveis de menor porte.

A partir dos anos 90, com uma ocupação residencial mais consolidada, houve aumento da demanda pela oferta de edifícios comerciais, o que ocasionou um novo *boom imobiliário*, caracterizado pelo lançamento de novos complexos de salas comerciais e de escritórios. A fim de acompanhar este crescimento, a oferta de condomínios fechados residenciais teve seu conceito renovado com a introdução do *home office*, mais uma inovação no produto imobiliário que criou uma nova necessidade de consumo. A *ilha urbana* era vendida como inovação e solução à confusão que representava viver na cidade.

Outros elementos reforçaram esse isolamento do limite privado, por exemplo, o desenvolvimento de infraestrutura de mobilidade. Como no início do século XX, durante o governo Pereira Passos, novas vias surgiram e muitas existentes foram alargadas; ações para propiciar uma circulação mais *eficiente*, ou seja, que reduzisse a rua à passagem, nunca a um palco de atuação e convivência pública. Essas redes conectam espaços cujo acesso é controlado. Portanto, os encontros tornam-se seguramente previsíveis: viver entre iguais. Em caso de extrapolação dessa barreira social, os intrusos serão rapidamente identificados e controlados pelos sistemas de segurança.

Na paranóia da segurança há uma colonização de nosso imaginário que se rende à inexorabilidade do fechamento, do distanciamento daquele que não mais reconheço como meu semelhante. A privatização do espaço público esvazia o que há de político nele – o espaço aberto para as discussões- a *polis*.³⁰

Maria Clara Amado apresenta a Barra da Tijuca com “um bairro que criou referências urbanas e modos de viver únicos”. Atualmente, é possível observar claramente, em toda a cidade, expressões da absorção deste modelo que nasce com a Barra. Bairros do subúrbio incorporaram a lógica da segurança do condomínio

³⁰ VILHENA, 2003, p.85.

fechado ainda que este se depare com favelas em seu entorno imediato; a zona sul, sempre avessa ao comércio enclausurado dos shoppings se rendeu aos mega empreendimentos comerciais. A cidade tomou a novidade da configuração urbana barra tijuquense como modelo de sucesso e passou a enxergar um vazio em sua estrutura, que só poderia ser preenchido através da aquisição de novos bens de consumo. Nada é tão protegido, tão eficiente e tão deslumbrante quanto um condomínio que se quer uma nova cidade.

O acompanhamento do desenvolvimento da Barra da Tijuca - sobretudo, do seu conceito de viver - leva à reflexão acerca da busca moderna por proteção e isolamento. Caldeira (2000) em seu estudo aponta o medo do risco como principal responsável pelas modificações nos tipos de interação pública na cidade e de ocupação da mesma. Na cidade contemporânea, a ideologia de privatizar o espaço público, de maneira a torná-lo previsível e controlado através do uso de novas tecnologias, se caracteriza como a nova forma de segregação urbana:

A alta concentração das elites e o seu controle exclusivo do espaço, segundo seus próprios valores levam à constituição de uma territorialidade marcante na cidade (...) Portanto, se a construção de símbolos de status é um processo que elabora distâncias sociais, criando meios para afirmação e explicitação da diferenças e desigualdades sociais, se estabelece um novo código de distinção social que faz a segregação social ser expressada como um valor.³¹

Se as desigualdades são produzidas inicialmente pelo poder público, através da ausência de políticas públicas, estas são alimentadas pelo mercado e intensificadas pelas práticas individuais. Este padrão de segregação, que tem como símbolos os condomínios controlados por circuitos de segurança, os automóveis blindados e a postura sobressaltada diante do outro, é responsável pelo fortalecimento das distâncias sociais e, conseqüentemente, pelo acirramento do sentimento de intolerância mútua.

Se já é uma lamentável verdade nosso distanciamento em relação a uma grande parte de nossa população, estamos observando um fenômeno ainda mais assustador – pela colonização de nosso imaginário, é provável

³¹ PEREIRA, 2002, p. 91.

que em um curto espaço de tempo tenhamos uma geração que não mais saberá transitar pelo espaço público [nem conviver com o outro]. E mais além, achara isto natural.³²

Portanto, se faz necessário refletir sobre o discurso que se apreende através destes elementos que permeiam o cotidiano das cidades e que são internalizados com naturalidade, sobretudo pelas novas gerações.

Observamos que atualmente, além do desejo de se preservar diante dos excessos da sociabilidade, almeja-se uma cidade novamente murada. Constroem-se muros diante das diferenças para se viver entre iguais. “A fala do crime constrói sua reordenação simbólica do mundo elaborando preconceitos e naturalizando a percepção de certos grupos como perigosos. Ela, de modo simplista, divide o mundo entre o bem e o mal”³³. Como na obra de Norbert Elias, desenvolvem-se discursos de valorização de um grupo a partir do desprezo pelo outro. As identidades se formam com base na negação e na rejeição do que o outro representa. Os espaços são construídos com base num imaginário social excludente.

³² PEREIRA, 2002, p.85.

³³ CALDEIRA, 2000, p.10.

CAPÍTULO 3 – UM TANTO DE FELICIDADE POR UM TANTO DE SEGURANÇA

(...) o medo do outro e um sentimento de insegurança que chega ao paroxismo criaram condições para uma escalada vertiginosa na busca pela segurança que se traduz pela proliferação de conjuntos residenciais 'superprotegidos'.³⁴

O trecho acima, ainda que passível de ser facilmente empregável no contexto atual da sociedade carioca, aplica-se também à cidade de Toulouse. O artigo do francês Belmessous é o testemunho de um cidadão que lamenta a visível perda do social diante da luta emplacada pelo mercado: *“as cidades francesas, que sempre foram o caldeirão da mistura social e do viver junto, estão, atualmente, tomadas pelo demônio da diferenciação social”*. Os efeitos de uma nova economia de mercado se fazem cada vez mais presentes e, no Rio de Janeiro, isso não haveria de ser diferente.

Uma cidade marcada historicamente pelo preconceito, pelo desejo de subjugar o diferente continua a reproduzir sua lógica, agora, com o impulso do mercado imobiliário e com a difusão de seus conceitos pelos veículos midiáticos. Cada vez mais, a publicidade imobiliária apela para uma representação simbólica da casa como única possibilidade de proteção, segurança e liberdade diante de uma realidade de insegurança e medo difundida diariamente. Sendo assim, este capítulo pretende ao menos tangenciar uma questão de ordem estrutural em nossa sociedade a fim de “fazer pensar a relação entre crescente polarização econômica e social e decorrentes mudanças nos modos de morar associados a uma nova e generalizada insegurança expressiva do medo e do pânico coletivos”.³⁵

Com tal objetivo, não se pretende, entretanto, assumir uma postura de negação da existência de violência no espaço urbano, ou ainda, de desacreditar um possível crescimento de seus índices, mas sim, de voltar-se para a questão com cautelosa desconfiança, sobretudo devido à magnitude da disseminação da violência nos noticiários, tão harmoniosamente relacionada às propostas dos

³⁴ BELMESSOUS, Hacine. *As moradias-fortaleza dos ricos*. Disponível em <<http://diplo.org.br/imprima470>>. Acesso em Dezembro de 2011.

³⁵ FERRAZ e POSSIDONIO, 2004.

anúncios publicitários. A abordagem deste tema deve ser feita através da contestação de um discurso de intolerância e desconfiança que se legitima e se expande em todas as classes da sociedade carioca. Portanto, a análise dos testemunhos de moradores de condomínios fechados, de altos funcionários das incorporadoras responsáveis pelo desenvolvimento dos novos 'modos de viver' e, ainda, dos especialistas em segurança, são elementos sintomáticos que explicitam este novo paradigma. Além disso, buscar-se-á na produção artística a tentativa de reconhecer o desconforto diante da realidade urbana contemporânea.

3.1. O MERCADO IMOBILIÁRIO

É preciso identificar e esclarecer aquele a quem o presente trabalho credita o papel de operador da forma de viver a / na cidade - o mercado imobiliário. Para o referido estudo, o mercado imobiliário é o setor que compreende as empresas incorporadoras, construtoras, as imobiliárias e as empresas de materiais e equipamentos relacionados diretamente à construção e à moradia, por exemplo, as consultoras em segurança patrimonial. Este recorte permite uma visualização de como um simples texto publicitário pode revelar a ideologia de produção dos enclaves que configuram o novo padrão de segregação na cidade.

Um dos maiores sucessos do país agora na Barra da Tijuca. Empreendimento localizado em uma das áreas mais nobres da cidade do Rio de Janeiro, com belas paisagens e acesso fácil a ampla rede de comércio e serviços, com toda a segurança e qualidade da marca AlphaVille. Sistemas de segurança com metodologia internacional, com câmeras de 800 metros de alcance, tecnologia que detecta qualquer tipo de aproximação e conexão com os sistemas de alarme.³⁶

É preciso descortinar o medo que reveste as ações predatórias de privatização da ocupação da cidade.

³⁶ Descrição do empreendimento imobiliário disponível em < <http://www.gafisa.com.br/imoveis/rj/rio-de-janeiro/alphaville-barra-da-tijuca>>. Acessado em Novembro de 2011.

3.2. RIO DE JANEIRO: DE PROTAGONISTA À COADJUVANTE

O Rio de Janeiro tem um histórico de cidade-personagem das mais diversas formas de expressão artística. A experiência ainda precoce da urbanidade, na transição do século XIX para o XX, enfeitiçava os autores da época. João do Rio, Luís Edmundo, Arthur Azevedo, entre outros, tiveram a cidade carioca como cenário e personagem de suas tramas.

A Rua do Ouvidor, a mais passeada e concorrida, e mais leviana; indiscreta, bisbilhoteira, esbanjadora, fútil, noveleira, poliglota e enciclopédica de todas as ruas da cidade do rio de Janeiro, fala, ocupa-se de tudo; até hoje porém, ainda não referiu a quem quer que fosse a sua própria história.³⁷

A novidade da vida urbana borbulhava e conduzia peças teatrais, músicas, danças, além de envolver e desnorrear seus habitantes com a névoa misteriosa da urbanidade.

Com a expansão para a Zona Sul da cidade, a partir da criação da lendária Copacabana, a cidade se torna o sinônimo da sensualidade e beleza da então descoberta mulher brasileira. A bossa nova suspira por esta cidade-mulher que desfila sua sofisticação e modernidade cosmopolitas pelas calçadas e esquinas. Mais uma vez, a cidade é a protagonista da arte.

Existem praias tão lindas cheias de luz
Nenhuma tem o encanto que tu possuis
Tuas areias, teu céu tão lindo
Tuas sereias sempre sorrindo
Copacabana princesinha do mar.³⁸

Em contraste com esse papel ativo da cidade ao longo de sua história, atualmente, nota-se a existência de um novo paradigma de urbanidade, no qual, rua, avenida, bairro, cidade perdem seu papel de formas espaciais de apropriação do lugar e das diferenças e contradições que permeiam e enriquecem a vida cotidiana.

³⁷ MACEDO, 2005.

³⁸ BARRO, João & RIBEIRO, Alberto. *Copacabana*.

Atualmente, temos a percepção de que o espaço público não é mais é capaz de revelar novidades e surpresas, cabendo-lhe apenas reforçar distinções e alienações.

Segundo Ana Fani Carlos, tal alienação da sociabilidade vem sendo promovida ao longo dos anos através da inserção de novos hábitos e equipamentos na vida urbana. Em um primeiro momento, podemos considerar a popularização da televisão como um fator para maior permanência de espaços privados. Em seguida, a invasão das ruas e calçadas pelos automóveis, que além alterarem o ritmo de vida, impossibilitaram o antigo costume de apropriar-se do passeio como extensão do espaço privado. As relações de vizinhança foram as primeiras a sofrerem impacto, porém, atualmente, gestos, olhares e gentilezas sofrem com a indiferença mascarada nos equipamentos eletrônicos, que permitem uma experiência urbana individualizada e indiferente. Tais constatações levam ao questionamento quanto ao significado do público para uma “cidade privada”. Se uma cidade pode ser lida pelos usos de seu espaço público, o que pensar de locais como a Barra da Tijuca, onde a experiência urbana cotidiana extirpou a vitalidade das ruas ao torná-las meras vias de circulação?

“Não posso dizer como me fazem falta as ruas; é como se elas fornecessem algo ao meu cérebro do qual ele não pode prescindir para poder trabalhar (...) minhas personagens parecem querer ficar quietas se não têm a multidão ao redor”, dizia Charles Dickens para demonstrar a importância que a energia das ruas representa para a vida. Ainda que os dicionários definam a rua como mera *via pública urbana ladeada de casas, prédios, muros ou jardins*³⁹ é preciso recordar da lição de João do Rio *“Ora, a rua é mais do que isso, a rua é um fator da vida das cidades, a rua tem alma!”*⁴⁰.

A cidade atual menospreza a energia das ruas em troca da sensação de segurança propiciada pela reclusão em espaços controlados. A disseminação do modelo construtivo do condomínio fechado contrapõe o espaço público ao privado de forma desleal, degradando o universo público através da maçante difusão do sentimento de insegurança. E assim, o mercado e a mídia criam e recriam a demanda por soluções para problemas por eles inventados.

A perda de interesse e importância dada ao espaço público reflete-se em filmes, músicas, contos que se perdem num universo sem cidade, sem rua, sem

³⁹ Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.

⁴⁰ RIO, 1987, p.1

lugar. Hodiernamente, é visível que a perda da referência espacial começa a ser notada e criticada, como na música *Eu quero ir pra rua*, de Paula Toller, na qual a cantora almeja a imersão na realidade do urbano como forma de libertação da onda de paranóia na qual a sociedade parece se afogar:

Eu vou à cidade hoje à tarde
Tomar um chá de realidade e aventura
Porque eu quero ir pra rua
Eu quero ir pra rua
Tomar a rua

Não mais
Não mais aquela paúra
De ser encarcerada pra ficar segura

Já cansei de me trancar
Vou me atirar
Já cansei de me prender
Quero aparecer
Aparecer, aparecer

Eu sou da cidade e a cidade é minha
Na contramão do surto de agorafobia
Agora eu quero ir pra rua
Porque eu quero, quero ir pra rua

Agora nos questionamos como foi possível chegar a tal ponto de intolerância e descaso com o espaço da diversidade. Será que não notamos o caminho que percorríamos? Para melhor compreendermos de que maneira se deu este processo de alienação das esferas pública e social, devemos retomar alguns tópicos apresentados no capítulo anterior.

Na década de 70, iniciou-se o processo de expansão do mercado imobiliário em direção à Barra da Tijuca que, naquele momento, era um grande areal sem qualquer infraestrutura capaz de implantar tamanho plano imobiliário. Obviamente, a grande motivação para o direcionamento do capital para esta área foi exatamente a possibilidade de aquisição de grandes glebas por um valor irrisório. A partir desta constatação, foi preciso apenas elaborar um plano simbólico capaz de promover a venda não de uma residência, mas de um conceito.

Assim, a fim de suprir a falta de equipamentos urbanos para lazer, estabelecimentos comerciais e de prestação de serviços, infraestrutura de saneamento básico, a solução foi alcançada através da adaptação do conceito inicial de condomínio, que se referia também a outra inovação do mercado imobiliário, os edifícios de Copacabana⁴¹.

No caso da Barra da Tijuca, para que as carências estruturais fossem supridas, coube ao capital privado oferecer tais equipamentos e serviços. Essa novidade tinha como sustentáculo um novo conceito de morar, o condomínio fechado, onde se compartilham espaços de lazer e, posteriormente, a oferta de serviços, sem que com isso houvesse qualquer relação de cooperação entre seus moradores. Dessa forma, novos paradigmas de sociabilidade e de privacidade emergiam paralelamente.

Não podemos deixar de assinalar que a palavra condomínio, além de aplicar-se a uma forma específica de propriedade, é utilizada também para nomear as formas de gerenciamento daquelas partes comuns da propriedade. Assim a expressão “pagar o condomínio” diz respeito ao pagamento dos gastos relativos aos usos comuns do edifício e “condômino” refere-se ao proprietário enquanto partícipe das coisas do condomínio.⁴²

Essa intenção de não confundir compartilhamento de espaço com cooperação de seus moradores revela a realidade urbana da cidade do Rio de Janeiro naquele período, visto que os bairros da Zona Sul haviam perdido seus ares de exclusividade com inchaço populacional, o que motivou a saída de parte de sua elite em direção àqueles que prometiam a superação de seus erros, condomínios como o Novo Leblon e Nova Ipanema, que nasciam junto com o bairro da Barra da Tijuca. Seguramente, a escolha dos nomes dos condomínios não representa qualquer coincidência, mas uma declaração direta e expressa das intenções do novo bairro: ser o futuro da cidade.

A partir de relações como esta, a afirmação de que houve uma manipulação de um campo simbólico na estratégia de expansão do mercado imobiliário carioca

⁴¹ Estabelecida em 1928 por decreto que acrescentava a categoria de propriedade fração da edificação ao Código de Obras

⁴² PECHMAN, Robert Moses. O verbete condomínio.

passa a se justificar com mais clareza. Como já foi apresentado no segundo capítulo deste estudo, ao longo da história da Barra da Tijuca, novos conceitos foram agregados ao modo de vida da “geração condomínio”, demandando sempre novas expectativas de consumo como solução às necessidades que se criavam.

A insegurança e a intolerância social passaram a ser estimuladas através da propagação de um universo de medo na cidade. Esta nuvem de terror tem sua origem, sobretudo, na cúpula do capital, nas estratégias imobiliárias e nas telas das televisões. Como resultado, o que se percebe hoje, é uma sociedade imersa em soluções desesperadas contra um inimigo onipresente. Somente num estágio de completa paranóia um indivíduo se sujeitaria a atitudes que envolvem a total perda de liberdade e privacidade, como vem ocorrendo em condomínios de luxo, segundo reportagem do jornal Folha de São Paulo:

Por medo das invasões, moradores de bairros nobres, como Moema, Perdizes e Jardins, têm se submetido a revistas antes de entrar em suas residências. Elas acontecem ainda na calçada ou numa espécie de ‘clausura’ (espaço entre dois portões). Este procedimento não é novidade. Era mais comum em edifícios de altíssimo padrão, com poucos apartamentos e moradores (...) Mas nem todos os moradores ficam contentes com as medidas rígidas (...) O advogado Parente também já ouviu reclamações por causa da segurança. ‘Há moradores que dizem que a medida causa constrangimento com as visitas, *mas respondemos que segurança não admite exceção* (grifo da autora).⁴³

Como visto no trecho acima, o discurso pró-segurança parece justificar qualquer comportamento. Esta mesma reportagem conta ainda com dicas para evitar assaltos, seguramente orientadas por um profissional da área de segurança patrimonial. Entre elas, podemos citar a necessidade de confiar as chaves do apartamento aos funcionários, para que estes tenham acesso a todos os cômodos para fazerem a inspeção de segurança. Outra orientação dada versava sobre a observação e identificação de pessoas estranhas nas imediações do condomínio. Curioso é pensar a contradição entre confiar sua propriedade a um funcionário, com quem não há qualquer relação de intimidade que justifique tamanha confiança, ao mesmo tempo em que é preciso reconhecer o estranho, o assaltante em potencial

⁴³ FOLHA DE SÃO PAULO. Caderno Cotidiano. 01 de Janeiro de 2012.

sem, igualmente saber absolutamente nada sobre seu “suspeito”. Seriam estes moradores de fato capazes de diferenciar seus fiéis funcionários sem suas fardas fantasiosas? Como estes seriam diferenciados de qualquer outro transeunte visualmente pertencente à outra classe social, e, portanto, estranho ao local?

Por mais que possa parecer contraditório e conflitante, grande parte dos moradores de condomínios parece satisfeita e, sobretudo, orgulhosa de sua escolha por viver em “*um burgo, de um castelo medieval preservado e seguro*”.⁴⁴ O jornal O Globo trouxe no caderno de Economia, mais uma matéria sobre a segurança em condomínios.

No Rio de Janeiro, há muitas edificações antigas, que seguem os antigos modelos de portaria. Algumas adaptações podem ser feitas para melhorar a segurança (...) segundo recomendação dos consultores, as guaritas não devem ter qualquer elemento de distração, como a televisão. O porteiro precisa atento ao que acontece dentro e fora do prédio. Eles devem ser instruídos a permanecerem dentro da área protegida e serem advertidos sobre conversas com estranhos.

Ainda segundo o consultor de segurança consultado pelo jornal, “*Para se ter um condomínio seguro são necessárias instalações protegidas, equipamentos apropriados, circuito de Tv interno, bom interfone e um porteiro treinado*”. A naturalidade com que o jornalista trata o tema, e, sobretudo, com que os leitores acenam a cabeça, confirmando a necessidade e urgência de compra de todos os equipamentos listados para, enfim, sentirem-se seguros, é sintomática do nível de alienação de uma sociedade que não se percebe sendo conduzida para o abismo social.

⁴⁴ Santos, Ana C. Gomes. 1999. .

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As tensões sociais resultantes da heterogeneidade não podem e não devem ser reprimidas, mas sim liberadas em formas socialmente estimulantes, mesmo que isso possa gerar conflitos.⁴⁵

Este trabalho representou um esforço no sentido de buscar os meios para compreender como foi possível atingir tal estado de insegurança e, sobretudo, de intolerância na cidade contemporânea, expressos no modelo de moradia dos condomínios fechados. A análise do cotidiano mostra que a experiência urbana atual segue no sentido oposto da citação de Harvey, tendo seus moradores cada vez mais distantes da esfera pública para viverem em mundos privados, onde agradecem pela doce ilusão de estarem seguros - ainda que não saibam exatamente de quem precisam se proteger.

Nosso intuito foi mostrar como os sentimentos de pertencimento ou exclusão, progresso ou crise, segurança ou insegurança, são facilmente manipulados e disseminados na sociedade. A partir deste entendimento, nos tornamos mais “desconfiados” diante destes sentimentos coletivos, capazes de gerar uma (in)consciência coletiva difícil de explicar e questionar. No momento atual, a questão da insegurança social, nos leva ao questionamento de Castel: o que é ser protegido?

Com este questionamento em mente, lançamos-nos no mundo virtual, onde, escondidos e protegidos pelo anonimato, os indivíduos sentem-se mais livres para expor suas angústias e opiniões. Foi assim que nos deparamos com diversas páginas que tratavam da questão da segurança dos condomínios fechados. Curioso perceber como dois discursos imperam em qualquer fórum ou comentário: primeiro, a grande maioria concorda que viver em condomínio com sistema de segurança proporciona tranquilidade e qualidade de vida; segundo, quando esta ideia de fortaleza é posta à prova, existem dois culpados: o segurança ineficiente e os bárbaros invasores.

⁴⁵ HARVEY, David. (2002).

Em um diário virtual aberto a comentários, a invasão a um condomínio fechado de casas é relatada com desespero pela autora. Ela aponta falhas na segurança, critica os funcionários pouco enérgicos em suas reações e ainda, relata as ações de terrorismo dos invasores. A postagem atinge número recorde de comentários, todos aflitos e ávidos por compartilhar suas estórias de terror e dicas para evitar futuros assaltos. De repente, todos se tornam especialistas em segurança patrimonial e exímios jornalistas, capazes de relatar casos que nunca viram, mas dos quais sabem todos os detalhes. De toda essa movimentação em torno do acontecimento relatado, todos se mostraram a favor da violência e do auto-isolamento como solução. Este caso remete ao filme mexicano “La zona”, no qual o paradigma do condomínio fechado é levado ao seu extremo: o único sobrevivente de um grupo que invadiu o condomínio tenta sair do complexo para tentar salvar sua vida, que foi tratada pelos moradores como moeda de troca por tamanha audácia. Assim como no caso anterior, as ações dos invasores eram deturpadas a cada conversa, de maneira que o assaltante já era visto como um monstro cuja caçada até a morte era facilmente justificada por seus atos de terror. Ao final do filme, uma cena angustiante mostra um grupo de moradores espancar até a morte um menino que queria escapar - para ser preso. O filme mostra o triste futuro de uma sociedade inábil diante dos conflitos da heterogeneidade.

Este é o objetivo deste esforço: levar mais pessoas a se questionar porque e até quando seremos obcecados pela segurança conseguida através da violência e da intolerância.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Pedro. *A dinâmica imobiliária: elementos para o entendimento da espacialidade urbana*. Rio de Janeiro: UFRJ. IPPUR, 1988.

BRAGA, Greenhalg H. Faria. *De Vassouras, história, fatos, gente*. Vassouras: Irmandade da Santa Casa de Misericórdia, 1978.

BARROS, Manoel de. *Memórias inventadas – a segunda infância*. São Paulo: Editora Planeta, 2006.

BATISTA, Vera Malaguti. *O medo na cidade do Rio de Janeiro: dois tempos de uma história*. Rio de Janeiro: Revan, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

_____. *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.:2009.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Editora 34 /Edusp, 2000.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Consumidores e cidadãos*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2005.

CARDOSO, Elizabeth. *Estrutura Urbana e Representações: a invenção da Zona Sul e a construção de um novo processo de segregação espacial no Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX*. In: GEO Textos, v.6, n. 1, Julho de 2010.

CARLOS, Ana Fani. *Lugar no / do mundo*. São Paulo: FFLCH, 2007.

_____. *Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana*. São Paulo: Contexto, 2001.

CARNEIRO, Sandra de Sá & SANT´ANNA, Maria Josefina Gabriel (org). *Cidade: olhares e trajetórias*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

CASTEL, Robert. *A insegurança social; o que é ser protegido?* Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

CASTRIOTA, Leonardo Barci (org). *Urbanização brasileira: Redescobertas*. Belo Horizonte: C/Arte, 2003.

CHALBOUD, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*. 2ªed. Campinas: Editora Unicamp, 2005.

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. São Paulo: Três, 1984.

FERRAZ, Sonia Maria Taddeu & POSSIDONIO, Edson dos Reis. *Violência, medo e mercado: uma análise da publicidade imobiliária*. In: Revista Impulso, Piracicaba, v. 15, n. 37, p. 79-88, 2004.

FREUD, Sigmund. *O Mal-estar na Civilização*. São Paulo: Penguin Classics e Companhia das Letras, 2011.

GOMES, Flávio dos Santos. *Histórias de Quilombolas: mocambos e comunidades de senzalas no Rio de Janeiro, século XIX*. - Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2006.

GREGOLIN, Maria do Carmo. *Análise do discurso e mídia*. Comunicação, Mídia e Consumo, São Paulo, v. 4, n. 11, p. 11-25, Nov 2007.

HARVEY, David. *Mundos Urbanos Possíveis*. In: Novos Estudos, Cebrap, n. 63, p. 3-8, Julho de 2002.

_____. *A condição pós-moderna*. São Paulo: Ed. Loyola, 2008.

MACEDO, Joaquim Manuel de. *Memórias da Rua do Ouvidor*. Brasília: Senado Federal, 2005.

MARTINS, Maria Clara Amado. *Barra da tijuca: uma arquitetura entre a ética e a estética*. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU, 2007.

MIZOGUCHI, Danichi Hansen. *Segmentariedades: passagens do Leme ao Pontal*. São Paulo: Plêiade, 2009.

MOCELLIN, Alan. Simmel e Bauman: *modernidade e individualização*. In: *EmTese*, v. 4, n. 1, agosto-dezembro/2007 (p. 101-118).

NEDER, Gizlene. *Cidade, identidade e exclusão social*. In: *Revista Tempo*, v. 2, n. 3, Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

_____. *Em nome de Tântatos: aspectos do sistema penitenciário no Brasil*. In: *Caderno CEUEP*, n. 1, Rio de Janeiro, 1993.

PECHMAN, Robert Moses. *Cidades estreitamente vigiadas: o detetive e o urbanista*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.

PEDRAZZINI, Yves. *A violência das cidades*. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

PEREIRA, Cláudia Loureiro de Alves. *Segregação urbana e as 'novas classes médias': o caso brasileiro do bairro carioca da Barra da Tijuca*. Rio de Janeiro. UFRJ. IPPUR, 2002.

RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura. Biblioteca Carioca, 1987.

SANTOS, Ana C. Gomes. *A outra urbanidade: pós-modernidade e Barra da Tijuca*, Rio de Janeiro: UFRJ / FAU, 1999.

SANTUCCI, Jane. *Cidade Rebelde: as revoltas populares no Rio de Janeiro do início do século XX*. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2008.

SERPA, Angelo. *O espaço público na cidade contemporânea*. São Paulo: Contexto, 2006.

SILVA, Edilson Márcio Almeida da. *Notícias da violência urbana: um estudo antropológico*. Niterói: EdUFF, 2010.

SOUZA, Marcelo Lopes de. *Fobópole: o medo generalizado e a militarização da Questão urbana*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

VELHO, Gilberto. *A utopia urbana: um estudo de antropologia social*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

VILHENA, Junia de. *Da Claustrofobia à Agorafobia: cidade, confinamento e subjetividade*. In: Revista Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, n. 9, p. 77-99, Jan/Abr 2003.

VAZ, Lílian Fessler. *Dos cortiços às favelas e aos edifícios de apartamentos - a modernização da moradia no Rio de Janeiro*. In: Revista Análise Social, v. 127, p. 581-597, 1994.